

Engajamento Militar China – América Latina

Boas Intenções, Bom Negócio e Boa Posição Estratégica¹

R. Evan Ellis

Comenta-se, com frequência, que o engajamento chinês com a América Latina é, predominantemente, de caráter “comercial”. Embora seja verdade, o enfoque da relação na área comercial encobre o fato de que, durante os últimos anos, a República Popular da China [*People's Republic of China – PRC*] também expande os vínculos militares com a América Latina de vários modos e com diferentes graus de importância, de acordo com suas próprias declarações públicas de intento.²

Desde o momento em que a empresa *Hutchison Whampoa*, sediada em Hong-Kong, recebeu concessões portuárias no Panamá em 1999, o engajamento militar chinês com a América Latina foi um dos tópicos mais amplamente debatidos, porém mal compreendidos, acerca das atividades da *PRC* na região.³ É evidente que suas iniciativas militares naquele território não são significativas, do ponto de vista estratégico. Tampouco ameaçam abertamente os Estados Unidos ou solapam os regimes pró-ocidentais, como ocorreu com o engajamento militar soviético durante a Guerra Fria. Contudo, é algo notável e em fase de expansão. Se sua presença na América Latina constitui ameaça estratégica aos interesses dos Estados Unidos é fator importante que faz parte da avaliação feita pelas autoridades competentes norteamericanas.

O propósito deste artigo é analisar os vínculos de defesa e segurança da *PRC* na América Latina. Está dividido em três seções: Os Objetivos do Engajamento de Defesa e Segurança da *PRC* na América Latina; Índícios do Engajamento; e Conclusões.

Os Objetivos do Engajamento de Defesa e Segurança da PRC na América Latina

Apesar das declarações públicas da PRC referentes ao interesse em expandir os vínculos militares na região, os esclarecimentos a respeito dos motivos foram poucos. Tampouco deixou claro como suas atividades militares se encaixam ao engajamento mais amplo na região. De acordo com os intelectuais chineses, tais como Sun Zi, deve-se compreender as iniciativas militares na América Latina como subordinadas e em apoio aos objetivos nacionais a longo prazo na região. Em geral, esses objetivos envolvem a promoção e a proteção da re-emergência da China como um dos maiores protagonistas globais.

Os imperativos e riscos existentes são o produto da estratégia de expansão liderada pela exportação que aquele país persegue e refina desde 1978:⁴ assegura acesso à fontes confiáveis de matéria-prima, a fim de apoiar atividades manufatureiras e geração de capital; garante a habilidade de alimentar a população chinesa, à medida que a população converge às áreas urbanas, consumindo maior quantidade de proteína; estabelece e protege os mercados para os produtos chineses, à medida que seus produtores continuam a expandir e ascender a cadeia de valor agregado; propicia acesso a fluxos de informação tecnológica e global; marca presença em instituições principais para transações econômicas globais; evita a consolidação de coalizão internacional oposta a sua “ascensão”.

O engajamento militar chinês com a América Latina apoia cada um desses imperativos, embora através de meios indiretos, que contrastam com a maneira pela qual os países ocidentais historicamente percebem as forças armadas, ou seja, como instrumento de poder nacional.

Esses imperativos são:

1. Aumentar a boa vontade, compreensão e influência políticas
2. Criar dispositivos para proteger seus interesses no país
3. Vender seus produtos, ascendendo a cadeia de valor agregado, e
4. Estabelecer e manter posição estratégica na região

Aumentar a Boa Vontade, Compreensão e Influência Políticas

Para a PRC, o engajamento militar é um dispositivo, entre outros, para edificar a boa vontade política e a influência em determinado país, a fim de evitar a probabilidade de oposição à importação de seus produtos ou ações contrárias a seus investimentos. As atividades militares servem esse fim, porque as forças armadas continuam sendo protagonistas políticos importantes na maioria dos países latinos, embora a percepção do fator militar como instrumento político também seja consistente com ambas as filosofias – pré-comunista e comunista.

Conhecer e dar-se bem com a liderança militar de dado país latino americano faz com que: compreendam a dinâmica política geral daquela nação; antecipem ações que poderiam ser tomadas contra seus interesses comerciais; influenciem a liderança política, através de contatos militares, quando necessário; e antecipem ou evitem ações que possam ser tomadas pelas forças armadas na arena política que causariam impacto negativo aos seus interesses.

Dispositivos para Proteger seus Interesses no País

À medida que as empresas chinesas e seus homens de negócio expandem a presença física na América Latina, experimentarão aumento correspondente em dificuldades de segurança individual e operacional. Esses obstáculos são os mesmos que confrontam e confrontaram as empresas de outros países que operam na região: sequestros; extorsão; e violência, associada à greves, protestos políticos e terrorismo. As empresas chinesas de petróleo e mineração que operam em áreas remotas são especialmente vulneráveis, como sucedeu com as ações violentas levadas a efeito contra o *Petroandina* e a *Petrooriental* no Norte do Equador em 2006⁵ e 2007.⁶ As diferenças culturais entre os chineses e a população local também têm a probabilidade de contribuir à tensões e aumentar a possibilidade de violência, como visto durante a greve dos caminhoneiros em 2007, contra os lojistas chineses em Buenos Aires [*huelga de camioneros contra las tiendas chinas*]⁷ ou a violência

de novembro de 2004 contra os bairros chineses em Maracay e Valencia, Venezuela.⁸

A curto prazo, as empresas chinesas serão obrigadas a solicitar o apoio da polícia, forças armadas latinoamericanas, segurança particular, bem como desembolsar *dinheiro de proteção*, a fim de evitar dano aos cidadãos e suas atividades comerciais. Sem embargo, à medida que aumenta a expansão, com maiores investimentos e fluxo de recursos, a PRC terá maior incentivo para coordenar e aperfeiçoar a operabilidade dessas forças de segurança, garantindo a proteção das mesmas.

De fato, a PRC já demonstrou que está disposta a fazer uso de força militar para proteger seus interesses comerciais na África, citando ameaças como justificativa para o envio de forças navais, a fim de levar a cabo operações antipirataria no Golfo de Adem, em dezembro de 2008⁹, bem como o uso de recursos militares para evacuar quase 36.000 chineses da Líbia em março de 2011.¹⁰ Existe ainda debate contínuo na PRC acerca da melhor maneira de proteger suas atividades comerciais, inclusive discussões entre os oficiais militares reformados, a fim de estabelecer empresas de segurança particulares para apoiar os empreendimentos comerciais no estrangeiro.¹¹

Venda de Produtos e a Ascensão pela Cadeia de Valor Agregado

Embora as exportações de equipamento militar chinês sejam relativamente baixas, comparadas a outros tipos de mercadoria, elas contribuem ao desenvolvimento nacional da PRC de diversas maneiras. Como sucede com outros produtos comerciais, os produtos militares geram renda de exportação para as empresas, tais como o conglomerado de defesa NORINCO, além de contribuir para diminuir o índice de desemprego. A venda de mercadoria militar não-letal, tais como vestimenta e equipamento pessoal, por exemplo, passa muitas vezes despercebida. No entanto, não são transações triviais. Tais vendas também sustentam a boa condição da base industrial e ajudam a avançar a capacidade técnica em apoio aos objetivos nacionais de defesa. É exatamente o que acontece com o equipamento de alto nível, tais como

radares, aeronaves, veículos blindados e outros artigos militares sofisticados ou de *duplo propósito*, onde as vendas na América Latina ajudam a China a testar, colocar à prova e refinar a capacidade, em campo, em setores estrategicamente importantes.

Estabelecer e Manter Posição Estratégica na Região

As autoridades competentes chinesas, como outras ao redor do mundo, reconhecem as inferências da China como país emergente, nada menos que protagonista global principal. Também existe a possibilidade de que possa, um dia, travar grande guerra que envolverá não somente a Ásia, mas outros teatros de operações nos quais possui interesse, ou onde talvez deseje colocar futuro adversário em risco. Embora nada exista para sugerir que a *PRC* deseja ou antecipa tal combate, a curto prazo, é razoável antecipa que seus intelectuais militares estratégicos preparam-se para tal eventualidade. Para esse fim, os vínculos militares da China com a América Latina oferecem benefícios geograficamente específicos, tais como compilação de inteligência acerca das operações das forças norteamericanas, criando crises diversionárias ou causando distúrbios em proximidade imediata aos Estados Unidos.

Em geral, como esta seção sugere, o curso tomado pelo engajamento militar chinês na América Latina, a médio ou longo prazo, provavelmente vai diferir muito daquele visto durante as atividades militares soviéticas na região (Guerra Fria). Em geral, é muito mais provável que a *PRC* irá refrear-se de participar em quaisquer atividades abertamente provocatórias, tais como: o estabelecimento de Bases com significativa presença chinesa; ato de apoio militar declarado a grupos que estiverem tentando a derrocada de regime; intervenção militar unilateral na região durante situação de liderança contestada; ou a participação em alianças militares anti-U.S.

Indícios de Engajamento

Compreende-se o engajamento militar chinês na região, de acordo com três tipos de atividades inter-relacionadas: reuniões entre oficiais militares de alta patente; interações de baixo-médio nível militar-militar; e venda [de equipamento] militar.

Reuniões entre Oficiais Militares de Alta Patente

Baseado em documentação pela imprensa, o número de visitas de oficiais chineses de defesa à América Latina, e de seus pares à China, aumentou durante os últimos anos. Os relatos da mídia referente às agendas dessas visitas sugere que, com frequência, o propósito foi o de estabelecer relações, i.e., não só o intercâmbio de pontos de vista acerca de tópicos de segurança, mas também a fim de discutir ou finalizar acordos para a aquisição de armamentos, intercâmbios militares e outros contatos e transações.

Durante a segunda metade de 2010, o número de contatos militar-militar de alta patente foi especialmente elevado, inclusive nove visitas de membros de Gabinete do Ministério de Defesa ou do Estado-Maior. As visitas efetuaram-se entre oficiais militares chineses de alta patente e seus pares latinoamericanos, inclusive Venezuela, Equador, Chile, México, Brasil, Colômbia, Peru e Bolívia. Os Ministros de Defesa do Peru (maio), Chile (junho) e Bolívia (dezembro) visitaram a China em 2011, embora o Ministro de Defesa da China, Liang Guanglie, não tenha ido à América Latina durante aquele ano.

Apesar de serem poucos os itens concretos acerca dessas discussões relatados à imprensa, seu papel em promover o relacionamento militar entre a China e as nações da América Latina foi, sem dúvida, maior do que se reconhece, em geral. Tais visitas permitem aos líderes envolvidos aumentarem a familiaridade e confiança, conversando em pessoa e explorando a possibilidade de futuros projetos, da venda de armamentos à expansão de intercâmbios militares. Em certos casos, as iniciativas preparadas antes da visita dos oficiais do Estado-Maior, e outros,

são ratificadas durante a visita de alto nível, enquanto as ideias geradas durante as discussões transformam-se em iniciativas que serão mais tarde exploradas, impulsionadas administrativamente pelos interesses declarados da alta liderança.

Interações Militar-Militar Baixo Nível

Nos últimos anos, a PRC expandiu a quantidade e escopo de contatos militar-militar, inclusive sua participação contínua na missão de manutenção de paz das Nações Unidas no Haiti [MINUSTAH] e número cada vez mais elevado de intercâmbios pessoais para treinamento e formação, exercícios conjuntos, visitas à instituições e atividades simbólicas. Em cada uma, o valor principal para a PRC é, indiscutivelmente, o fomento de relações a nível institucional, bem como pessoal, com indivíduos que virão a desempenhar papéis principais nas forças armadas de países latinoamericanos. No processo, também conseguiu aumentar o entendimento das forças armadas da América Latina e do ambiente de segurança da região.

No Haiti, a polícia militar das Forças Armadas da Liberação Popular [*People's Liberation Armed Forces – PLA*]. [*PLA traduz-se, literalmente, como Exército de Liberação Popular*. No entanto, o PLA abrange os três ramos das Forças Armadas: Exército, Marinha e Força Aérea] continua a servir como parte da MINUSTAH. Sua presença no Haiti vem sendo contínua desde o destacamento do primeiro contingente em setembro de 2004. O Haiti também possui a dúbia distinção de ser o local onde ocorreram as primeiras baixas militares da China, oficialmente reconhecidas, em território latinoamericano. Oito membros do PLA estiveram entre as baixas no Haiti em janeiro de 2010, devido ao terremoto que devastou o país.¹² Quatro dentre as baixas eram membros da força de polícia da MINUSTAH, enquanto os outros quatro tomavam parte em grupo de trabalho composto por seis membros do Ministério de Segurança Pública, em visita à sede das Nações Unidas, quando o teto desabou.¹³ Os restos mortais das vítimas foram mais tarde entregues à PRC e receberam as devidas homenagens póstumas.¹⁴

A participação das forças armadas chinesas na *MINUSTAH* por mais de seis anos, sem dúvida, rendeu grandes benefícios à *PRC*. Proporcionou ao *PLA* e a centenas de seus soldados experiência de primeira mão em operações em território latinoamericano, em função de segurança e policiamento, algo que será de grande valia no futuro, caso a China inicie atividades de assistência a aliados na região, em apoio à proteção de seus cidadãos e operações contínuas. Além do mais, sua presença na *MINUSTAH* permitiu ao *PLA* melhor compreender e desenvolver relações com as forças militares brasileiras e de outras nações que desempenham funções, lado a lado, durante a operação, ao mesmo tempo promovendo a boa vontade para com o *PLA* na região, como contribuinte à ordem internacional. Finalmente, a presença chinesa no Haiti, sem dúvida, fomentou a campanha para isolar o Taiwan da comunidade internacional, uma vez que coloca pressão no governo do Haiti, que atualmente reconhece o Taiwan, diplomaticamente, e não a *PRC*.¹⁵

Nas áreas de treinamento e formação militar, as instituições chinesas abrigam pessoal de no mínimo 18 nações latinoamericanas, virtualmente todos os países da região com os quais a *PRC* possui relações diplomáticas. Os exemplos apresentados servem apenas de ilustração, embora não sejam uma lista completa ou representativa:

A Universidade Nacional de Defesa [*The National Defense University*] do *PLA* conta com instituições múltiplas que oferecem cursos em inglês e espanhol aos oficiais latinoamericanos. Inclui:

1. O Instituto de Estudos em Defesa em Changping [*Defense Studies Institute*] próximo a Beijing, uma instituição de ensino especialmente para estrangeiros, que faz parte de universidade mais ampla, oferecendo cursos em espanhol e inglês.
2. A Escola de Comando do Exército [*Army Command College*], localizada em Nanjing, oferece curso de quatro meses em inglês e francês, frequentado por oficiais de países latinoamericanos, inclusive Colômbia, Peru, Barbados e Jamaica, bem como África e outras regiões.

3. A Escola de Comando da Marinha Chinesa [*Chinese Navy Command School*], nos arredores de Nanjing, oferece curso de comando de alta patente de um ano, em inglês. O curso vem sendo frequentado por oficiais militares latinoamericanos, entre outros, o Uruguai¹⁶ e Brasil.¹⁷
 - Uma dependência próxima a Shijiazhuang, que oferece curso de cinco meses em operações de forças especiais a nível operacional-tático é frequentado por oficiais do Uruguai e talvez membros de outras forças armadas.
4. O Centro de Instrução Militar [*The Center of Military Instruction*] do PLA oferece curso em artes marciais, frequentado por Fuzileiros Navais do Chile, entre outros.

Paralelamente, juntamente com esses e outros programas, as forças armadas da América Latina também receberam oficiais chineses.

Exemplos:

1. Durante vários anos, tendo início em 2005, a escola de idiomas do Chile recebeu dois catedráticos da China para lecionar o Mandarim.¹⁸ Após dezembro de 2011 não mais se encontravam no país.
2. Durante uma visita da delegação da Universidade Nacional de Defesa da China [*Chinese National Defense University*] em 2006, a Academia Nacional de Estudos Políticos e Estratégicos – ANEPE do Chile assinou um acordo para o intercâmbio de oficiais e atividades colaborativas, embora ainda não tenha sido ratificado.

A colaboração chinesa com os militares da América Latina em formação e treinamento, encontra-se em rápida expansão, incluindo também programas táticos. Durante a reunião de novembro de 2010 entre o Ministro de Defesa Chinês, Liang Guanglie, e o Ministro de Defesa da Colômbia, Rodrigo Rivera, entraram em acordo para expandir os intercâmbios militares sino-colombianos, inclusive o estabelecimento de 10 vagas para coronéis e generais da Colômbia em academias militares chinesas, bem como o envio de treinadores colombianos à China para cursos de atiradores de primeira classe,

mergulho de combate, sobrevivência e combate fluvial.¹⁹ Do mesmo modo, durante a reunião de setembro entre o Ministro de Defesa Nelson Jobim e o General Liang, expandiram a cooperação entre os dois países, discutindo o treinamento básico.²⁰

Além das oportunidades para desenvolver as relações pessoais e compilar inteligência, tais cursos táticos também assistem a PRC a desenvolver capacidade militar em áreas mais úteis para o trabalho mais direto nos ambientes operacionais únicos da região.

Outro elemento do desenvolvimento de relações militares da China com a América Latina são visitas às instituições. Tais visitas tipicamente envolvem maior número de pessoas, mas duram menos tempo do que os intercâmbios de formação. Embora as oportunidades para desenvolver vínculos pessoais sejam, por necessidade, mais superficiais, tais visitas permitem o alcance de grupos maiores de pessoas cujas funções afetam muitas outras, tais como catedráticos militares e oficiais de média patente. Ao mesmo tempo criam ou fortalecem vínculos instituição-instituição. Exemplos:

- Visitas entre oficiais da Marinha da China e Chile vem ocorrendo regularmente desde julho de 1996, mas aumentaram de uma a duas por ano, desde 2005.
- Na Argentina, houve similar aumento em anos recentes, inclusive visitas de oficiais chineses à Universidade Nacional de Defesa da Argentina e suas Escolas Superiores de Guerra.
- Na Colômbia, as delegações da Universidade Nacional de Defesa da China visitam anualmente a Escola de Guerra da nação.

Além de visita às instituições, outros contatos contínuos entre as forças armadas da China e países latinoamericanos incluem uma visita ao Caribe pelo primeiro navio-hospital, bem como o intercâmbio de visitas portuárias pelos navios de treinamento militar e navios de guerra entre as duas regiões.

De setembro a novembro de 2011, o navio-hospital recém batizado, denominado Arco da Paz [*Arch of Peace*], realizou sua primeira visita ao

Hemisfério Ocidental, atracando em Havana Cuba, Kingston Jamaica, Port of Spain, Trinidad e Puntarenas, Costa Rica. Durante o processo, a PRC demonstrou sua prontidão em seguir o exemplo norteamericano na região, utilizando o equipamento médico como dispositivo diplomático humanitário.

Com respeito a navios de treinamento e outros tipos de navios de guerra, a primeira dessas visitas foi feita pelo navio de treinamento da Marinha chilena, *Esmeralda*, ao Porto de Xangai em 1972. Até 2009, *Esmeralda* havia visitado os portos chineses em 10 ocasiões distintas. Em reciprocidade, a primeira flotilha naval da China visitou a América Latina em abril de 1997. Incluía os contratorpedeiros (mísseis) *Harbin* e *Zhuhai* e o navio de logística *Nancang*. A flotilha atracou no México, Peru e Chile, bem como na Base norteamericana de Pearl Harbor.²¹ A visita mais recente desse tipo, no momento em que este artigo estava sendo redigido ocorreu em 2009 – uma flotilha naval da China que incluía o contratorpedeiro *Shijiazhuang* e o navio de abastecimento *Hongzhehu* atracou em Valparaíso, Chile, Callao, Peru e Guayaquil, Equador.²² Apesar de caráter pacífico, tais visitas beneficiam a Marinha do PLA, ajudando-a a identificar os requisitos para o futuro uso de portos latinoamericanos para manutenção, reabastecimento e outros fins.²³

Além de contatos bilaterais, tais como os mencionados acima, as forças armadas chinesas e latinoamericanas mantêm contato informal através de conferências e outros foros. As Marinhas do Chile e da China, por exemplo, possuem contato regular através do Simpósio Naval do Pacífico Ocidental [*Western Pacific Naval Symposium*]. Por sinal, a PRC apoiou o ingresso do Chile à organização.²⁴

Finalmente, o contato militar-militar também inclui exercícios conjuntos. Em novembro de 2010, os militares chineses e 50 peruanos participaram no exercício humanitário *Angel de la Paz*, enviando destacamento ao povoado de *Villa Maria del Trunfo*, a fim de providenciar tratamento médico à população local.²⁵ O exercício conjunto simulou reação a terremoto pelas duas forças armadas, com resultante fogo químico.²⁶ O PLA doou às Forças Armadas peruanas um hospital de

campanha e ofereceu treinamento em seu uso nas dependências da *Primera Brigada de Fuerzas Especiales* em Chorrillos, próximo à Lima.²⁷

Embora benéfica, em si, a participação da China em exercício humanitário na América Latina pode ser vista como passo lógico em direção à sua participação durante reação a desastre real, sem a cobertura de força multilateral [Nações Unidas, por exemplo].

Venda de Equipamento Militar à América Latina

Exatamente como ocorre com a venda de equipamento militar de outros países, a da China à América Latina ajuda a *PRC* a fortalecer os vínculos com os membros dos departamentos de aquisição, satisfazendo suas necessidades específicas e amarrando essas nações às suas infraestruturas de logística, manutenção e treinamento. Tais transações também auxiliam a *PRC* a desenvolver e sustentar sua própria indústria de defesa nacional com a obtenção de taxas sobre vendas de exportação.

Em geral, as vendas militares da *PRC* à América Latina seguiram o padrão de suas vendas comerciais. As primeiras mercadorias de defesa vendidas na região foram de relativo baixo custo. Artigos pouco sofisticados, tais como uniformes militares e equipamento pessoal. Em alguns casos, a mercadoria foi doada, tais como \$1 milhão [quantias mencionadas subentendem-se dólares norteamericanos] ao ano em bonés, luvas e outro tipo de equipamento não-letal doado à Colômbia. Frequentemente, a mercadoria chinesa é oferecida por terceiros, importadores autorizados a negociar com as forças armadas latinoamericanas.

Como ocorre com a mercadoria comercial, sua capacidade de venda de equipamento militar, sofisticado, pesado à América Latina foi impedida, devido a apreensões acerca de qualidade e a habilidade da *PRC* em manter e apoiar o equipamento em campo, especialmente com respeito a navios, aeronaves, veículos blindados, armamentos e sistemas de comunicação, cujo bom funcionamento é a diferença entre a vida e a morte em campo de batalha. A falta de presença militar

chinesa na região aumentou a inquietude. A ausência de venda de equipamento chinês na América Latina significava que a mercadoria chinesa não havia sido “colocada à prova” na região, assim, sua venda era mais difícil. Além do mais, sem a presença militar chinesa na região, os líderes acreditavam que a manutenção e o suprimento de peças sobressalentes para o equipamento eram por demais arriscados.²⁸

Apesar de tais obstáculos, como ocorre na área comercial, com o passar do tempo a PRC e suas empresas de defesa começaram a movimentar-se pela cadeia de valor agregado, a fim de vender número cada vez maior de mercadoria militar à região. Com isso, conseguiram aproveitar as oportunidades apresentadas pelos regimes hostis aos EUA, tais como a Venezuela, Equador e Bolívia, cuja orientação política e a inabilidade de adquirir tecnologia militar ocidental levou-os a recorrer ao equipamento chinês.

O primeiro avanço decisivo em vendas militares foi, sem dúvida, o anúncio da Venezuela em 2008 que estava em processo de adquirir aeronaves *K-8 (Karakorum)*.²⁹ Essa decisão foi motivada, em parte, pelo fato de que não podia comprar caças norte-americanos, ou peças sobressalentes para a frota existente. Os EUA também conseguiram bloquear a venda de aeronaves similares por outros países ocidentais, devido a tecnologia norte-americana embarcada.³⁰ O acordo para acabar comprando um total de 18 aeronaves *K-8* da *China National Aero-Technology Import and Export Corporation – CATIC*, juntamente com armamento e opção de logística de apoio, foi assinado em agosto de 2008. No segundo semestre de 2009, 11 pilotos venezuelanos e 56 técnicos foram enviados à China para passar por treinamento de voo, manutenção e logística.³¹

A entrega oficial dos primeiros 6 *K-8s* ocorreu em março de 2010.³² Os outros 12 em agosto. Foram enviados ao 12º Grupo Aéreo de Caças na Base Aérea *Rafael Urdaneta de Maracaibo* e ao 15º Grupo de Operações Especiais na Base Aérea *Vicente Landaeta Gil de Barquisimeto*.³³ Além do mais, a liderança militar venezuelana também está avaliando uma aeronave chinesa mais capacitada, a *L-15 Air King*. A *Hongdu*

Aviation Industry Corporation está em posse de proposta para a entrega de 24 delas à PRC.³⁴

Além de caças, o governo também anunciou que fará a aquisição de 10-12 Y-8 aeronaves militares de transporte intermédio, com carga útil de 88 pessoas ou 20 toneladas.³⁵

Com o apoio da liderança política de Hugo Chavez, a aquisição de equipamento chinês pelas Forças Armadas da Venezuela também expandiu a outras áreas. Em 2005 sua Força Aérea adquiriu radares *JYL-1 da China National Electronics Import and Export Corporation – CEIEC*, para defesa aérea, ao custo de \$150 milhões.³⁶ Os radares foram adquiridos pela organização *Compañía Anónima Venezolana de Industrias Militares – CAVIM*. A primeira entrega ocorreu em janeiro de 2008. Logo após, os radares foram colocados sob o comando da Força Aérea da Venezuela.

Os chineses também instalaram centro de Comando e Controle [C2] para os radares em base militar próxima à Caracas, no final de 2008. Entre abril e agosto do mesmo ano, a Venezuela enviou um total de 70 oficiais à PRC para treinamento em operação e manutenção do sistema.³⁷ Em meados de 2009, a liderança militar venezuelana mencionou que havia um total de 10 radares chineses em operação.³⁸

Além de compras diretas de mercadoria e sistemas militares da PRC, a Venezuela facilitou, em muito, a habilidade daquele país na venda de artigos militares a outros governos que compartilhem a mesma orientação na região, inclusive o Equador e a Bolívia. Seguindo o exemplo da Venezuela, o Equador entrou em negociações para adquirir dois radares em setembro de 2009, manufaturados pela *China Electronics Technology Corporation – CETC*, para serem montados na fronteira norte com a Colômbia, para propósitos de avaliação. Existia a opção para a aquisição de quatro outros.³⁹ Em agosto de 2010, o governo equadoriano anunciou que procederia com tal aquisição: 4 radares tipo *YLC-2V* e *Gap Filler YLC 18*, ao custo de \$80 milhões. A entrega desses sistemas resultou em inúmeras disputas contratuais entre o governo equadoriano e a *CETC*. Em abril de 2012 o governo equadoriano anunciou que a *CETC* deixará de

*cumprir com os termos do contrato.*⁴⁰ A partir de dezembro de 2010, o Equador estava considerando a compra de duas aeronaves de transporte *MA-60* da China. No entanto, em dezembro de 2011, as negociações não haviam progredido.

Finalmente, a *PRC* também doou caminhões e ambulâncias militares e outras mercadorias não-letais ao Equador. De fato, durante a visita do General Varela durante o mês de fevereiro de 2010 à *PRC*, a China mencionou que planejava aumentar o número de doações [dobro].⁴¹

Como o Equador, a Bolívia também seguiu o exemplo da Venezuela, adquirindo equipamento militar da *PRC* – 6 aeronaves *K-8* enviadas à Bolívia em engradados para serem montadas nas dependências de manutenção em Cochabamba.⁴²

As *K-8s* são os primeiros caças da Bolívia. No entanto foram a segunda transação com a *PRC* envolvendo aeronaves para suas forças armadas. Em março de 2007, a Bolívia anunciou que arrendaria duas aeronaves de transporte de pessoal e carga militar, *MA-60*, parte de maior transação que incluía a aquisição de aeronaves de transporte militar da Venezuela.⁴³ As aeronaves *MA-60* foram pagas com empréstimo de \$38.3 milhões, proporcionados pela *PRC*.⁴⁴ Foram entregues em fevereiro de 2008. A terceira maior compra foi de \$300 milhões, aprovada pelo Parlamento da Bolívia em fevereiro de 2012, para aquisição de 6 helicópteros *H425*, transporte, de dupla utilidade, para envio à empresa petrolífera estatal da Bolívia, a *YPFB [Yacimientos Petrolíferos Fiscales Bolivianos]*.

Além da compra de produto-final [i.e., tanques, aeronaves, etc.], a Bolívia também recebeu uma série de doações de outras mercadoria militares. Essas doações foram entregues em quatro parcelas principais. Em dezembro de 2006, a *PRC* anunciou a doação de veículo de asalto (vinte-e-cinco pessoas); munição de infantaria e artilharia; óculos de visão noturna; e capacetes *Kevlar*.⁴⁵ Em 2007, 34 caminhões da empresa *First Auto Works – FAW*; cinco ônibus; três *Toyota Land Cruiser SUVs [Sport Utility Vehicles]*; e caminhão reboque.⁴⁶ Em fevereiro de 2009, 2 canhoneiras.⁴⁷ Em março de 2010: 27 ônibus para transporte

militar, manufaturados pela empresa chinesa *Hinger*; 21 caminhões pequenos *Nissan*; e 40 motores de popa *Yamaha*.⁴⁸ Além disso, de acordo com relatos, entre 1987-1996, a PRC também providenciou 10.000 rifles de assalto *AK-47*,⁴⁹ além da doação de motocicletas, bicicletas e outros tipos de equipamento ao Departamento de Polícia da Bolívia.

As transações de armamentos mais notáveis, entre a PRC e a América Latina, foram aos países *socialistas* do bloco *ALBA* [Aliança Bolivariana para as Américas]. No entanto avanços significativos ou semi-avanços ocorreram também em outros países.

Em 2009, o Peru chegou ao ponto de ser a primeira nação da América Latina a fazer grande aquisição de veículos blindados da PRC. Uma série de 5 tanques chineses *MBT-2000* foi aceita para avaliação pelo exército peruano e exibida com proeminência durante desfile militar em dezembro de 2009.⁵⁰ A compra foi cancelada na Hora H, devido a problemas com o suprimento de motores que eram manufaturados na Ucrânia.⁵¹

Como já mencionado, em 2010, o Peru também recebeu a primeira grande doação de equipamento militar humanitário do *PLA*, com a entrega do hospital de campanha e demais equipamentos, durante a segunda metade de 2010, em um total de \$300 milhões, inclusive o treinamento de pessoal peruano na utilização do mesmo, culminando com o exercício humanitário em novembro daquele mesmo ano. O Peru também adquiriu equipamento não-letal. Em 2007 assinou acordos de defesa com os chineses para permitir que participassem mais diretamente em seu sistema de aquisição militar.⁵²

No entanto, não foi o único aliado dos EUA na região a considerar grande aquisição de equipamento militar da PRC. Desde 2006, oficiais militares chineses vêm discutindo a possibilidade de vender veículos blindados e outros tipos de equipamento às forças armadas da Colômbia.⁵³ Até agora, a Colômbia não tomou passos para prosseguir com essas transações, em parte devido a apreensões relacionadas à manutenção e apoio do equipamento, e também devido a relação íntima de defesa e segurança com os EUA.

Além de vendas militares explícitas, ambos os departamentos de polícia do Uruguai e do Peru [*Peruvian National Police – PNP*] e talvez outros departamentos de polícia na região, também avaliaram a aquisição de equipamento chinês. Por Exemplo, o Departamento de Polícia de Montevideu adquiriu viaturas da marca chinesa *Geeley*.⁵⁴ Da mesma forma, em agosto de 2007, a *PNP* assinou contrato com empresa intermediária da Coreia para a aquisição de 700 viaturas policiais *Geeley*.⁵⁵ Como com as vendas militares, essa transação passou por minucioso processo de escrutínio público. Eventualmente foi cancelada.

As Forças Armadas da Colômbia também receberam, aproximadamente, \$1 milhão de dólares anuais em equipamento não-lethal, inclusive luvas e gorros de inverno para equipar os batalhões alpinistas para desempenho em alta elevação. Confirmaram e solidificaram a relação em novembro de 2010 com a assinatura de concordata em cooperação de defesa.⁵⁶ Aumentaram a doação anual a \$1,5 milhões em novembro de 2011.

Além dos países supracitados, a Costa Rica também é forte candidata para receber equipamento chinês e outros tipos de assistência para as tropas de segurança. Durante visita a Beijing, em novembro de 2010, o Primeiro Ministro da Costa Rica, René Castro, apresentou solicitação formal à China, a fim de receber assistência em treinamento e equipagem da polícia nacional para combate ao narcotráfico.⁵⁷ A China anunciou a doação de 200 viaturas policiais ao país em setembro de 2011.⁵⁸

Outros países na região flertam com a possibilidade de adquirir grande quantidade de equipamento militar dos chineses. O Estado-Maior da Argentina adquiriu quatro veículos blindados *WMZ-551* para transporte de pessoal do fabricante *Norinco* em 2008. Foram parte da contribuição chinesa ao batalhão mecanizado para a força de manutenção de paz Argentina-Chile, denominada *Cruz del Sur*. A Argentina pagou \$2.6 milhões por veículo que incluía opção de treinamento e peças sobressalentes.⁵⁹ No princípio, os *APCs* fizeram parte de operações em Gonaives, Haiti, onde o batalhão mecanizado da Argentina foi destacado como parte da *MINUSTAH*.⁶⁰ No entanto, inúmeros

problemas assolavam os veículos, o que levou a Argentina a cancelar a compra.⁶¹

Conforme relatos, em 2011, a Argentina estava avaliando a aquisição de helicópteros da China.⁶² Já havia considerado a mesma em 2007, mas tudo ficou em preliminares.⁶³

No caso do Brasil, que possui uma indústria de defesa já bem desenvolvida, não houve grande aquisição de equipamento militar pesado da China. Sem embargo, a possibilidade de parceria entre o Brasil e a China na co-fabricação de tais artigos foi debatida durante o encontro de setembro de 2011 entre Liang Guanglie e Nelson Jobim em Brasília.⁶⁴

As doações de equipamento militar pela PRC à Jamaica em janeiro de 2011 merece menção. A entrega de \$3,5 milhões de mercadoria não-lethal, principalmente uniformes e barracas de campanha, mas também capacetes, binóculos, mochilas e coletes à prova de bala à Força de Defesa da Jamaica [*Jamaica Defense Force – JDF*]⁶⁵ foi importante, porque foi feita no momento em que as pequenas e sobrecarregadas forças de segurança daquele país estavam avaliando novos meios de combater a violência relacionada ao narcotráfico, durante a qual 73 pessoas perderam a vida em maio de 2010 em operações dentro de, e nos arredores do bairro de *Tivoli Gardens* em Kingston.

A venda de equipamento militar pela PRC a protagonistas não-estatais na região também merece atenção, embora esta análise não tenha encontrado comprovante de que essas vendas foram realizadas como parte de diretrizes oficiais chinesas. Grande parte do armamento de calibre militar adquirido pelos carteis narcotraficantes no México de origem chinesa, embora adquirida via traficantes de armas.⁶⁶

Conclusão

Sob perspectiva de segurança nacional norteamericana, as dimensões mais importantes do engajamento militar da China com a

América Latina têm a ver com a maneira como a relação está evoluindo, à medida que a *PRC* persegue interesses de segurança legítimos, enquanto permanecem atentos às ações norteamericanas, seu parceiro estratégico mais importante na região. As interações militares da China com a América Latina, em si, não causam problema. Sem embargo, o engajamento militar China-América Latina significa que os EUA irão perceber que sua liberdade de ação na região será limitada, o que não sucedia no passado. A América Latina conta, cada vez mais, com outras opções, além dos EUA para cooperação de segurança, aquisição de armas e treinamento de pessoal. Provavelmente mudará a maneira como o governo entra em barganha, quando se trata de acesso à Bases, partilha de inteligência, operações conjuntas e permissão para que os EUA possam tomar ação direta na região, em particular em áreas tais como combate ao narcotráfico e operações de combate ao terrorismo.

De acordo com o comportamento atual, é provável que a *PRC* continuará a expandir o engajamento militar na América Latina, inclusive exercícios, visitas e venda de armamento, o que aumentará em volume e sofisticação, utilizando, para o crescimento, a comprovação [de bom funcionamento] do equipamento nos países *ALBA*, a fim de introduzir equipamento pesado no mercado comum de armamentos na região. Durante esse período, é provável que a *PRC* permanecerá altamente ciente da reação norteamericana. Também é provável que ficará mais audaz com o passar do tempo, particularmente quando a atual liderança chinesa [quarta geração] for superada pelos líderes mais jovens que cresceram em uma *PRC* que é tida como potência política e econômica e assim, estão confiantes de sua posição privilegiada no mundo.

O Que Devem Fazer os Estados Unidos?

Os contatos cada vez maiores com a América Latina fazem parte compreensível da expansão da *PRC* como protagonista mundial principal com interesses globais. Embora o exemplo do Japão sugira que, atualmente, um país que incrementa o poder econômico em comércio

internacional, a fim de defender seus interesses, não é obrigado, necessariamente a desenvolver vínculos militares com as nações com as quais possui contatos comerciais.

Os Estados Unidos, um parceiro militar de muitos anos na América Latina, têm a oportunidade de forjar novo tipo de relação com os países da região, a fim de ajudá-los a aproveitar as oportunidades e evitar as armadilhas que representa o engajamento com a PRC. De fato, como parte integral da região, através de vínculos geográficos, econômicos e humanos, os Estados Unidos possuem a *obrigação* para consigo mesmo e para com seus vizinhos latinoamericanos de agir desta forma.

Devido a importância dos EUA para a PRC como fonte tecnológica e mercantil, bem como devido ao dano que animosidade com os EUA causaria ao desenvolvimento econômico e tecnológico da PRC, os líderes chineses demonstraram que são bastante sensíveis à reação norte-americana acerca de suas iniciativas. É improvável que a PRC irá curvar-se perante as exigências dos EUA. Ainda assim, o tipo da reação norte-americana, entre outros fatores, moldará o comportamento da PRC e suas empresas na América Latina, bem como o ritmo sob o qual devem proceder.

Ao mesmo tempo, os EUA devem evitar o lançamento de uma versão moderna da *Doutrina de Monroe*, apresentando um ultimato à PRC para “manter-se fora” da região. Tal retórica talvez funcione bem politicamente, induzindo a China a proceder com maior cautela, a curto prazo. No entanto, seria também contrária aos interesses estratégicos norte-americanos, fortalecendo as forças mais conservadoras na PRC, aumentando as acusações na América Latina de que seu potente vizinho nortenho, está “mais uma vez” tentando interferir com seus direitos soberanos de manter relações com quem desejarem.

Além do mais, evitar que a PRC estabeleça vínculos militares com a América Latina também negaria aos EUA certos benefícios reais que seriam alcançados com o engajamento militar chinês na região. Por exemplo, até o ponto em que comprova ser confiável, o equipamento

pesado e suprimentos chineses, bem como seus programas de treinamento, providenciariam à região meios de baixo custo para satisfazer as necessidades de segurança, face à sérias ameaças, tais como aquelas apresentadas pelas organizações criminosas transnacionais.⁶⁷ A cooperação entre a PRC e os departamentos de polícia da América Latina, com o intercâmbio de dados e pessoal, bem como apoio em tradução, seria de grande benefício no combate às atividades de máfias que operam na região e que possuem vínculos com a PRC, tais como o *Red Dragon*, com seu envolvimento em redes de tráfico de seres humanos.⁶⁸ ou interromper o fluxo de químicos da China aos laboratórios de cocaína nas matas dos Andes e da Amazônia.⁶⁹

Além do mais é também importante para que os EUA atuem com maior transparência com respeito a essas atividades, engajando a PRC de modo positivo acerca de suas atividades no hemisfério, inclusive diálogo regular, com o estabelecimento de mecanismos para a resolução de mal-entendidos, tais como o [*U.S.-China Strategic Dialogue on Latin America*].⁷⁰

Em geral, é importante para os E.U.A. forjarem sua reação ao engajamento militar com a região em termos estratégicos, considerando ambos, as inferências das ações chinesas a longo prazo, bem como de que maneira aquela reação e a maneira pela qual é percebida afetam a posição norteamericana nos países da região. Provavelmente o engajamento militar chinês com a América Latina será algo que aumentará com o tempo e tem a tendência de perdurar na dinâmica regional. A maneira como os E.U.A. conseguem adaptar-se à mesma e como atuarão para moldar a realidade terão profundo impacto na segurança ambiental futura da região, bem como na posição dos EUA na mesma. 🌟

Notas

1. Este artigo é versão abreviada de monografia publicada em agosto 2011 pelo U.S. Army War College Strategic Studies Institute. Reimpresso e traduzido sob permissão.

2. "Full text: China's Policy Paper on Latin America and the Caribbean." China View. Beijing, China. <http://news.xinhuanet.com>. November 5, 2008.
3. Para exemplo da controvérsia, ver "Panama Canal: America's strategic artery." BBC News. <http://news.bbc.co.uk>. December 8, 1999. Ver também Nelson Chung, "US faces surprise attack with canal giveaway: Analyst." Global Security. <http://www.globalsecurity.org>. November 17, 1999.
4. Ver Kevin P. Gallagher e Roberto Porzecanski, *The Dragon in the Room*. Stanford, California: Stanford University Press, 2010
5. "Petrolera china desestima que protesta en Tarapoa haya afectado sus intereses". El Universo. Guayaquil, Ecuador. November 16, 2006. Ver também "Andes Strikes Deal, Ends Tarapoa Protests." Rigzone. "http://www.rigzone.com/news/article.asp?a_id=38140~". November 14, 2006.
6. "Heridos 24 militares en incidentes en protestas en Orellana." El Universo. Guayaquil, Ecuador. "<http://www.eluniverso.com>". July 5, 2007.
7. "Los camioneros ratifican el boicot a los super y autoservicios chinos." Clarín. Buenos Aires, Argentina. "<http://www.clarin.com>". June 26, 2006.
8. Yolanda Ojeda Reyes, "Ciudadanos chinos reciben protección." El Universal. Caracas, Venezuela. "<http://www.eluniversal.com>". November 11, 2004.
9. Christopher D. Young e Ross Rustici. "China's Out of Area Naval Operations: Case Studies, Trajectories, Obstacles and Potential Solutions." China Strategic Perspectives. No. 3. Washington D.C. National Defense University Press. December 2010.
10. "35,860 Chinese evacuated from unrest-torn Libya." Xinhua. http://news.xinhuanet.com/english2010/china/2011-03/03/c_13759456.htm. March 3, 2011.
11. Song Xiaojun. "Will China Send Forces to Somalia?" Comentário [blog]. December 1, 2008.
12. "China confirms death of all 8 Chinese police officers in Haiti quake." China View. Cn January 17, 2010. <http://www.chinaview.cn>. January 17, 2010. Nos dias que seguiram o terremoto, o contingente de polícia das PLA foi suplementado pelos trabalhadores de busca e salvamento e outro pessoal da PRC. "Chinese rescue team arrives in Haiti, eight Chinese still missing." Peoples Daily Online. Beijing, China. <http://english.people.com.cn>. January 14, 2010.
13. "Chinese rescue team arrives in Haiti, eight Chinese still missing." Peoples Daily Online. Beijing, China. <http://english.people.com.cn>. January 14, 2010. A lista oficial de baixas que ocorreram na MINUSTAH, anotam somente quatro membros chineses da força de manutenção de paz. Ver MINUSTAH United Nations Stabilization Mission in Haiti. <http://www.un.org/en/peacekeeping/missions/minustah/memorial.shtml>. Baixado em janeiro 12, 2011. Um relato do colapso da sede da MINUSTAH em: "UN Headquarters in Haiti Collapsed in Quake." CBS News. http://article.wn.com/view/2010/01/13/UN_Haiti_headquarter_collapses_in_earthquake/. January 13, 2009.
14. "China further honors peacekeepers killed in Haiti earthquake." Peoples Daily Online. Beijing, China. <http://english.people.com.cn>. January 26, 2010
15. Ver Florencia Jubany e Daniel Poon, "Recent Chinese Engagement in Latin America and the Caribbean: A Canadian Perspective" FOCAL. www.focal.ca/pdf/china_lat-am.pdf. March 2006.
16. O requerimento formal, jurídico ao Congresso do Uruguai para o Capitão da Mariinha, Sergio dos Santos frequentar o curso de um ano consta da Resolução 56.547 Ministério

de Defensa Nacional. Ministério de Relaciones Exteriores. Montevideo, Uruguay, 29 de abril de 2009.

17. “Simpósio Internacional no Naval Command College do Exército Popular de Libertação da China.” PlanoBrasil. December 18, 2010.

18. “Curso de Chino Mandarín.” Ejército de Chile. Official Website. http://www.ejercito.cl/detalle_noticia.php?noticia=3260. August 2, 2007.

19. “China dona US\$1 millón a Colombia para armamentos.” ABC. Asunción, Paraguay. <http://www.abc.com.py>. September 6, 2010.

20. “Brazil seeks closer defense relationship with China: defense minister.” People’s Daily Online. Beijing, China. <Http://english.people.com>. September 30, 2010.

21. Robert Benson. “Chinese Navy’s Historic Pearl Harbor Visit.” Asia-Pacific Defense Forum. http://forum.apan-info.net/fall_97/China_r.html. Fall 1997. Downloaded January 12, 2011. See also Christopher D. Young and Ross Rustici. “China’s Out of Area Naval Operations: Case Studies, Trajectories, Obstacles and Potential Solutions.” China Strategic Perspectives. No. 3. Washington D.C. National Defense University Press. December 2010.

22. Os navios em questão partiram do porto de Qingdao, China em October 2009. Completaram as visitas aos portos em dezembro de 2009. “Dos buques militares chinos de última generación visitan Ecuador.” Observatorio de la política China. <http://www.politica-china.org>. December 12, 2009.

23. Certa análise nota que os relatos de destacamentos passados sugerem que questões, tais como o conserto ou substituição de peças essenciais de equipamento, bem como a obtenção de suprimentos alimentícios, tais como frutas e vegetais frescos são obstáculos críticos à projeção de força a longo prazo para a Marinha chinesa. Ver Christopher D. Young e Ross Rustici. “China’s Out of Area Naval Operations: Case Studies, Trajectories, Obstacles and Potential Solutions.” China Strategic Perspectives. No. 3. Washington D.C. National Defense University Press. December 2010.

24. Ver “Chinese, Chilean navy commanders discuss ties.” China Daily. Beijing, China. http://www.chinadaily.com.cn/china/2010-11/09/content_11524530.htm. November 9, 2010. Ver também “Hawaii to Host 10th Western Pacific Naval Symposium.” U.S. Navy. Official Website. http://www.navy.mil/search/display.asp?story_id=26329. October 29, 2006.

25. “Ejércitos de Perú y China Concluyen operación de acción humanitaria conjunta en Lima.” Andina. <http://www.andina.com.pe> November 30, 2010.

26. “Operación Conjunta China-Peru de Rescate Medico Humanitario ‘Angel de la Paz.’” Maquina de Combate. <http://maquina-de-combate.com/blog/archives/10429>. November 24, 2010.

27. “Ejercitos de Peru y China Popular culminan operación militar conjunta en salud.” Andina. <http://www.andina.com.pe>. November 30, 2010.

28. Entrevista com o General Carlos Ospina-Ovalle. Ex-Comandante das Forças Armadas da Colômbia. Washington D.C. January 12, 2011. Por que a Colômbia não adquiriu artigos militares importantes da PRC – Perspectivas pessoais.

29. “Venezuela’s Chavez to buy Chinese K-8 planes.” Reuters. <http://www.reuters.com>. May 11, 2008.

30. “Venezuela Air Force to take delivery on Chinese jet trainer K-8 Karakorum next year.” World Military Forum. <http://www.armybase.us/2009/11/venezuela-air-force-to-take-delivery-on-chinese-jet-trainer-k-8-karakorum-next-year/>. November 28, 2009.

31. "Aviación recibe primeros seis aviones chinos de combate K-8W." El Universal. Caracas, Venezuela. <http://www.el-universal.com>. March 13, 2010.
32. Ibid.
33. "En agosto llegan 12 nuevos aviones K-8." El Universal. Caracas, Venezuela. <http://www.el-universal.com>. June 30, 2010.
34. A possibilidade da aquisição de L-15 foi debatida em reuniões entre a liderança militar chinesa e venezuelana em outubro de 2009.
35. "Venezuela compra a China 12 aviones de transporte." El Universal. Caracas, Venezuela. <http://www.el-universal.com>. November 29, 2010.
36. "Consideran comprar radares de baja cota." El Universal. Caracas, Venezuela. <http://www.el-universal.com>. June 6, 2009.
37. Embaixador Roger Noriega. Ex-Secretário de Estado Adjunto Encarregado do Hemisfério Ocidental. Observações Públicas no American Enterprise Institute. Washington D.C., January 18, 2011.
38. "Instalarán 10 radares chinos para mayor control del espacio aéreo." El Universal. Caracas, Venezuela. <http://www.el-universal.com>. December 29, 2010.
39. "Ecuador recibirá radares chinos para su frontera con Colombia." El Universal. Caracas, Venezuela. <http://www.el-universal.com>. September 29, 2009.
40. "Ecuador instalará cuatro radares en la frontera con Colombia este año." El Universal. Caracas, Venezuela. <http://www.el-universal.com>. August 16, 2010. "Empresa china CETC incumplió el contrato en entrega de radares" El Universo. Quito, Ecuador. <http://www.eluniverso.com>. April 5, 2012. Ver também "Contraloría audita a la FAE por radares chinos y aviones" El Universo. Quito, Ecuador. <http://www.eluniverso.com>. May 7, 2012.
41. "China Duplicará Colaboración Militar Con Ecuador, Según Fuerzas Armadas Del Vecino País." El Tiempo. Bogota, Colombia. <http://www.eltiempo.com>. Febrero 15, 2010.
42. "Aviones chinos K8 serán utilizados en la lucha antidrogas." La Razón. La Paz, Bolivia. <http://www.la-razon.com>. Diciembre 13, 2011.
43. "El gobierno decide potenciar la fuerza aérea." La Razón. La Paz, Bolivia. <http://www.la-razon.com>. Febrero 19, 2007. Ver também "La FAB se fortalece con un avión de carga." La Razón. La Paz, Bolivia. <http://www.la-razon.com>. Agosto 2, 2007.
44. "In 2007, Bolivia sextuplico su deuda." El Deber. Santa Cruz, Bolivia. <http://www.eldeber.com.bo>. Enero 31, 2008.
45. "China dono equipos a las fuerzas armadas." Los Tiempos. Cochabamba, Bolivia. <http://www.lostiempos.com>. Diciembre 16, 2006.
46. "China regaló 43 vehiculos a las fuerzas armadas." El Deber. Santa Cruz, Bolivia. <http://www.eldeber.com.bo>. Septiembre 11, 2007
47. "China donó a las FF.AA. de Bolivia US\$2,6 millones." AmericaEconomia. <http://www.americaeconomia.com>. Marzo 31, 2010.
48. "Bolivia y China fortalecen cooperación militar." Los Tiempos. Cochabamba, Bolivia. <http://www.lostiempos.com>. Agosto 18, 2010.
49. "Bolivia aclara que 10.000 fusiles fueron donados por China y no por Venezuela." Terra. <http://noticias.terra.es>. Junio 26, 2008.
50. "Novedad en Parada Militar fue la presentación de cinco nuevos tanques chinos MBT 2000 ." Agencia Peruana de Noticias. <http://www.andina.com.pe>. Diciembre 8, 2009. Ver también "Tanques chinos: El Ejército está de acuerdo con la compra." Peru21. Lima, Peru. <http://peru21.com.pe>. Diciembre 10, 2009.

51. “Compania estatal de Ucrania pone travas a la venta de tanques chinos” La Republica. <http://www.larepublica.com.pe>. Febrero 8, 2010.
52. “Perú y China firman un convenio de cooperación por 800 mil dólares.” El Comercio. Lima, Peru. <http://www.elcomercio.com.pe>. Noviembre 11, 2007.
53. Carlos Ospina-Ovalle. Ex-Comandante-Chefe das Forças Armadas da Colômbia. Entrevista. Washington DC. December 1, 2009.
54. Para fotos dessas viaturas com as cores da Polícia Municipal de Montevideo, ver “Geely Policía de Montevideo.” Flickr. <http://www.flickr.com/photos/13328329@N06/4191019109/>. Acessado em janeiro 27, 2011.
55. “En el Perú ya se venden autos de la marca Geely.” El Comercio. Lima, Peru. <http://www.elcomercio.com.pe>. Agosto 1, 2007.
56. “China dona US\$1 millón a Colombia para armamentos.” ABC. Asuncion, Paraguay. <http://www.abc.com.py>. Septiembre 6, 2010.
57. “Costa Rica pidió a China Continental entrenamiento policial.” El Nuevo Diario. Manágua, Nicaragua. <http://www.elnuevodiario.com.ni>. Noviembre 3, 2010.
58. Adam Williams, “China to donate 200 police vehicles, \$4.6 million to Costa Rica.” Tico Times. <http://www.ticotimes.net>. Septiembre 22, 2011.
59. “Norinco Wmz-551b1 Ea.” Socyberly. <http://socyberly.com/military/norinco-wmz-551b1-ea>. October 3, 2010.
60. Christian Vilada, “Argentina evalúa la adquisición de blindados chinos.” Saorbats. <http://www.saorbats.com.ar/news/494>. Agosto 27, 2008.
61. Jorge Elias, “Opinión: Llegaron los VCTP WMZ-551B1 chinos.” Desarrollo y Defensa. <http://desarrolloydefensa.blogspot.com>. Septiembre 10, 2010.
62. “Argentina negocia comprar helicópteros chinos Z-11” Desarrollo y Defensa. <http://desarrolloydefensa.blogspot.com>. Octubre 3, 2011.
63. “Negocia la Argentina comprar helicópteros militares a China.” La Nación. Buenos Aires, Argentina. <http://www.lanacion.com.ar>. Mayo 17, 2007.
64. “Brazil seeks closer defense relationship with China: defense minister.” People’s Daily Online. Beijing, China. <http://english.people.com>. September 30, 2010.
65. “China sends \$3.5M in military equipment to Jamaica.” Today Online. <http://www.todayonline.com>. January 15, 2011.
66. “Firearms Trafficking: US efforts to face Arms Trafficking to Mexico Face Planning and Coordination Challenges.” Government Accountability Office. GAO-09-709. Washington D.C. June 2009.
67. Argumento similar foi apresentado pelo Secretário de Defesa Adjunto, Frank O. Mora. “Strategic Implications of China’s Evolving Relationship with Latin America.” Apresentação durante a Conference on China in Latin America. Washington DC. http://www.ndu.edu/chds/China-Wksp/Presentations/CHDS-ChinaSpeech-Frank_Mora.pdf. November 6, 2009.
68. José Meléndez. “La mafia china aumenta el tráfico de personas en AL.” El Universal. Mexico City, Mexico. <http://www.eluniversal.com.mx>. Mayo 10, 2007.
69. “China Tightens Restrictions on Online Transactions of Drug Precursor Chemicals.” Xinhua. <http://english.cri.cn/6909/2010/09/27/45s596567.htm>. Septiembre 27, 2010.
70. “Assistant Secretary Valenzuela’s Travel to China.” U.S. Department of State. Página Oficial da Web. <http://www.state.gov/r/pa/prs/ps/2010/08/145941.htm>. Agosto 12, 2010.



Evan Ellis

Evan Ellis, PhD é Catedrático Assistente do Centro de Estudos Hemisféricos de Defesa [*Center for Hemispheric Defense Studies-CHDS*]. O enfoque de sua pesquisa é a relação entre a América Latina e protagonistas externos, como a China, Rússia e Irã. Seu livro, intitulado *China and Latin America: The Whats and Wherefores* foi publicado pela *Lynne Rienner* em abril de 2009. Entre seus artigos encontram-se estudos sobre a relação entre a América Latina e a China, populismo andino, quadrilhas urbanas, a transformação da milícia, e temas acerca da segurança da energia na região. Além do mais, é o técnico principal do famoso programa *NationLab* do Centro de Exercícios Interativos, que são projetados sob medida e levados a cabo pelo *CHDS* juntamente com instituições sociais na América Latina sobre temas de importância estratégica para os países anfitriões. O autor teve a oportunidade de apresentar sua obra acerca de temas estratégicos latinoamericanos e outros, em ampla variedade de foros empresariais e governamentais nos Estados Unidos, Argentina, Bolívia, Belize, Chile, Colômbia, República Dominicana, Equador, El Salvador, Jamaica, México, Panamá, Paraguai, Peru, Venezuela, França e Reino Unido. Com frequência, é um dos palestrantes na Escola de Operações Especiais da Força Aérea dos Estados Unidos. Conta com Doutorado em Ciências Políticas e especialização em Política Comparativa relativa à Violência Étnica.

Gostaríamos de receber sua opinião

Distribuição: Texto aprovado para o público. Distribuição irrestrita.

Isenção de Responsabilidade

As opiniões e pontos de vista expressos ou inferidos neste periódico pertencem aos autores e não contam com a sanção oficial do Departamento de Defesa [*Department of Defense*], Força Aérea [*Air Force*], Comando de Treinamento e Educação Aérea da Aeronáutica [*Air Education and Training Command-AETC*], Universidade da Aeronáutica [*Air University*], ou quaisquer outras agências ou departamentos do governo dos Estados Unidos.

Este artigo pode ser reproduzido, parcial ou totalmente, sem necessidade de autorização prévia. Caso seja reproduzido, o *Air and Space Power Journal – Português* solicita a cortesia de menção..

<http://www.airpower.au.af.mil>